



Sergio Schargel

Doutorando em Ciência Política pela UFF. Mestre em Letras pela PUC-Rio. Sua pesquisa é focada na relação entre literatura e política, tangenciando temas como teoria política, literatura política, antissemitismo e a obra de Sylvia Serafim Thibau. Vencedor do Prêmio ABRALIC de melhor dissertação no biênio 2019-2021.

FRESU, Gianni. Nas trincheiras do Ocidente: lições sobre fascismo e antifascismo. Ponta Grossa: Ed. UEPG, 2017. ISBN: 978-85-7798-228-8

Ainda que muito se tenha publicado sobre fascismo como conceito genérico, sobre Nazismo ou sobre a recessão democrática global, fazia falta, na literatura recente em português, um livro sobre o Fascismo italiano. E, principalmente, sobre o antifascismo italiano. Nas trincheiras do Ocidente, de Gianni Fresu, publicado em 2017, supre parcialmente essa lacuna. Fresu, professor de filosofia política da Universidade Federal de Uberlândia, italiano, veio para o Brasil em 2014 como professor visitante da Universidade Estadual de São Paulo (UNESP). Como revela o autor (FRESU, 2017, p. 05), este livro é consequência direta desta experiência, na qual lecionou, junto com Marcos Del Roio – que assina o prefácio – uma disciplina sobre Fascismo e antifascismo.

A obra de Fresu é fundamental por traçar uma genealogia do Fascismo, passando por todos os seus ciclos: progressista (1915-1921), liberal (1921-1926), autoritário (1926-1933), imperial (1933-1943) e nazifascista (1943-1945). E mostrar, no processo, como o Fascismo se reinventou conforme passou por esses ciclos, mas manteve traços em comum por todos esses anos. Da mesma forma, apresenta todas as falhas e acertos do movimento antifascista – tanto em sentido amplo, como uma oposição formal ao Fascismo, como em estrito, como os Partigianos – desde o erro estratégico da III Internacional em tomar social-democracia e fascismo como sinônimos, até a frente ampla que se formou durante a dominação Nazista.

Entretanto, se a obra de Fresu é essencial para se compreender tanto o Fascismo quanto os fascismos, o autor recorre a um argumento problemático tradicional da corrente historiográfica: destacar que o Fascismo é uma manifestação exclusiva da Itália de 1920 a 1940. É um argumento delicado, porém compreensível: revela apreensão em alargar o termo para além de uma experiência idiossincrática específica. De certa forma, Fresu está correto, o Fascismo italiano é único. Mas também o são outros movimentos e ideologias,

como o comunismo chinês e o comunismo russo. Ou mesmo as centenas de democracias, dado que o sistema democrático brasileiro é distinto do estadunidense, o francês do inglês, e assim por diante. Em outras palavras, seria preciso adicionar infinitas nomenclaturas se fôssemos tomar cada conceito como limitado a uma experiência específica, como lembra Robert Paxton em *Anatomia do fascismo*. Assim, seja fascismo ou outro conceito, é imprescindível a existência de um conceito genérico para classificar movimentos de extrema-direita que mesclam simultaneamente reacionarismo, autoritarismo, populismo e nacionalismo. Nesse sentido, o Fascismo deu início a um modo inédito de se fazer política, mas na prática é um rótulo para um aglutinado de características que existiriam sob qualquer outro nome.

O primeiro capítulo apresenta, como o próprio nome diz, um quadro histórico geral. Em outras palavras, o cenário sobre o protofascismo, o contexto que permitiu a ascensão de Mussolini e a formação de seu movimento desde 1915. Fresu (2017) busca apontar, com preocupação historiográfica, como o caldo da cultura política italiana da época, bem como a estrutura social semifeudal, forneceu elementos-chave à criação do movimento. Um cenário ideal não apenas para o surgimento do Fascismo, mas também para o crescimento de um movimento anarquista forte do qual, inclusive, o pai de Mussolini era integrante e do qual surgiria o Partido Socialista Italiano (PSI) (FRESU, 2017, p. 36).

Seguindo a linha do tempo, o segundo capítulo traz o segundo ciclo do Fascismo: a ascensão ao poder. Nele, Fresu (2017) analisa o período da Marcha Sobre Roma ao efetivo processo golpista do Fascismo, entre 1924 e 1926. Os demais capítulos prosseguem sequencialmente sobre os demais ciclos do Fascismo, colocando no bojo o antifascismo conforme este ganha proporcional relevância. Assim, Fresu descortina seu principal argumento: o Fascismo não foi uma coincidência, um “parêntese na História italiana”, como dizia Benedetto Croce, mas fruto de uma crise da hegemonia da classe média aliado com um caldo cultural autoritário (FRESU, 2017, p. 231). E, assim, mesmo com as semelhanças, movimentos contemporâneos não podem ser tomados como equivalentes absolutos.

Todavia, um dos pontos fundamentais do trabalho de Fresu (2017, p. 37) é rechaçar, ao longo de suas quase 250 páginas, a tese de Benedetto Croce de que o Fascismo foi um parêntese na história italiana. Uma ideia que encontra eco nas palavras de literatos como Thomas Mann e de toda uma corrente de interpretação do nazifascismo, como Fresu lembra, que os interpretava como uma doença moral da Europa. Fresu (2017) mostra que, na verdade, ele tem “origem nos limites do processo de unificação nacional, o chamado Risorgimento, na debilidade das suas classes dirigentes, na utilização permanente do transformismo como meio de

consolidação do poder” (FRESU, 2017, p. 37).

Pois o que Fresu lembra é que para compreender os movimentos antidemocráticos contemporâneos é imprescindível olhar para seus semelhantes do passado. Ainda que as diferenças sejam perceptíveis e os antidemocráticos atuais não devam ser tomados como semelhantes absolutos de equivalentes de décadas atrás. Pois uma cultura política autoritária está sempre disposta a fornecer o caldo necessário para uma ruptura institucional. É curioso, ainda que compreensível, que Fresu busque limitar o fascismo à sua experiência italiana, dado que a impressão que fica, ao ler o seu livro e em especial a conclusão, é que as trincheiras do Ocidente estão mais ativas do que nunca antes.

Recebido em 10 de Outubro de 2021.

Aceito para publicação em 09 de Novembro de 2021.